

O FORMIGUEIRO

JORNAL PARA TODOS

PROPRIETARIO E DIRECTOR—ANTONIO XAVIER DA CUNHA

Off. de L. B. de J. de S. Damaso, 2-V-1923.

2 ANNO	ASSIGNATURA (PAGA ADIANTADA)	PUBLICA-SE AOS DOMINGOS	ESCRITORIO	N. 55
	Anno ou 48 numeros, 600; semestre 300: Para fora augmenta a estampilha.	DOMINGO 9 DE JANEIRO	Rua de S. Damaso	

GUIMARÃES, 8 DE JANEIRO

A ASSOCIAÇÃO ARTISTICA E AS SUAS IMPRESSÕES

Nada ha mais tutil e necessario ao povo, especialmente á classe trabalhadora, do que a Associação de soccorros Mutuos; mas tambem poucas instituições carecem de tanto zelo, como aquellas. Este zelo, este escrupulo, este cuidado, não deve ser só dos membros que a dirigem; é preciso que seja tambem de todos os associados, pois que estes são os que lucram ou perdem com a boa ou má gerencia d'aquelles.

Sabemos que o associado não eleito para qualquer dos cargos da direcção não pôde ter interferencia nos actos d'ella; mas tambem sabemos que o Estatuto de todas as Associações dá a faculdade de um certo numero de associados no goso dos seus direitos requererem assembleia geral para discutir assumpto de interesse para a mesma, etc.

E' por isso que vamos dirigir-nos aos snrs. associados, relatando-lhe o que na Associação se tem passado á algum tempo a esta parte, com as impressões que se pretende fazer:

Principiaremos pelo annuncio publicado no *Imparcial*, prevenindo os snrs. associados, DONOS DE TYPOGRAPHIA, que se aceitavam propostas em carta fechada para a impressão do Novo Regulamento e Estatutos da Associação. Quem deixará de vêr n'este annuncio a padrinhagem ao proprietario do jornal, sabendo de mais a mais que constava que o ex-presidente da direcção não propunha como proprietario de typographia que é?

Ninguem, a não ser que seja muito innocente. Nós, requerendo, perguntamos se a Associação tinha em vista conseguir a impressão pelo menor preço, e se, sendo assim, poderíamos propôr, e a este requerimento deu-se a resposta que um corpo collectivo não podia deixar de dar: que a ideia da Associação era effectivamente essa, e por isso podia propôr.

Propozemos: a nossa proposta era a mais vantajosa, porque dava grande interesse á Associação, e por isso tratou-se de annullar as condições que tinham sido escriptas, sob pretexto de admoestações ou advertencias particulares, e em

seguida é posta de novo a obra em praça!

Digam-nos: porque se não deu a obra logo a quem mais barato a fazia? Talvez porque o interesse da Associação era que ella fosse feita pelo associado proponente? Decerto.

Fomos á nova arrematação. Ah! vimos e admiramos o que já suspeitavamos. Foi uma verdadeira arrematação. Apesar das propostas serem em carta fechada, em consequencia da nossa proposta continuar a ser a mais vantajosa, consentiu-se que o associado proponente, licitasse vocalmente, para nos guerrear e isto por duas vezes!

Deu-se-lhe a obra, por elle declarar que fazia a impressão das capas de graça, que dava o papel para ellas de graça tambem e que pagava de seu bolso a brochura dos Estatutos.

Agora, para que todos fiquem fazendo uma ideia do que tem de succeder, vamos fazer um calculo da obra, com a breza e simplicidade, deixe perceber alguma cousa até aos menos afilados:

Supponhamos que a obra dá 9 folhas: a 4\$500 são.	40\$500
Ha a tirar dos offercimentos:	
Capas: papel.	4\$700
» impressão	1\$500
Brochura	4\$000

Ficam portanto. 40\$200
30\$300

Agora vejamos a despeza:
A obra calcula-se que leva trez mezes: tendo o empregario um typographo a quem dá 600 reis diarios, gasta nos 90 dias em salarios 43\$200

Pagam-se as impressões em Guimarães a 90 reis o cento, o que vem a dar o custo de 900 reis cada folha d'impressão e no total. 8\$100

Somma 51\$300

Ahi está o calculo simpes da obra. Como pôde pois ella fazer-se por 30\$300 reis quando ha a gastar 51\$300? Quem é que trabalha para perder? Pois haverá quem acredite que esses 21\$000 reis possam ficar fóra do bolso do empregario da typographia? E' impossivel e nem mesmo na Lourinhã se encontraria quem o acreditasse, tanto mais que ainda não

são só os 21\$000 reis que se perdem pois n'aquella conta não está mettida a da tinta que se gasta, nem aluguer de typo, nem coisa nenhuma!

Mas d'onde ha-de vir esta differença? D'onde ha-de vir este dinheiro?

Altos mysterios da Providencia!
O que é certo é que a obra nunca pôde ser feita por aquelle preço em qualquer typographia, que não seja a de que tratamos. Só n'essa, porque ali fazem-se impossiveis, com mais facilidade do que nós fazemos as coisas mais triviaes do mundo!

Mas a direcção é que está affecta á censura, e quer a obra se apresente no praso marcado nas condições, quer não, ella não pôde deixar de ser menoscabada, porque ha-de haver muito pouco quem acredite no milagre. Hoje, os caprichos não podem ser satisfeitos senão por quem desponha de sufficientes meios pecuniarios, e aqui não os vemos.

so está passado, e a obra ao que nos consta, ainda nem se principiou.

Agora vae brevemente a Associação precisar d'outra impressão, que é a dos Relatorios, e essa já nos consta que irá para a mesma typographia, sem averiguar se haverá quem a faça mais barato.

Os snrs. associados tem pleno direito de defender os seus interesses quando suspeitem que elles são malbaratados. Assim, urge que na primeira reunião de direcção a interpelem para conhecerem d'este assumpto, pois que com o dinheiro que lhes pertence, não devem consentir que se façam beneficios, se é que os fazem, a afilhados, de qualidade alguma. Os favores que os pague quem os dever, e as amizades que as deixem fóra da porta.

Não precisavamos de mais para lhes apontar o compadrio que ha na Associação.

Bastava lembrar-lhes que a direcção ou em maioria ou em minoria, abriu as propostas do 1.º concurso, e vendo que a nossa era a mais vantajosa, não entregou a obra e rasgou as condições que eram muito sufficientes, sob um pretexto futil, só para que o nosso preço fosse divulgado e o associado que propunha possedessemos licitar de novo.

Vejam, se quizerem vêr...

Revista da semana

Decididamente, isto vai mau!

Não se pôde ser jornalista, nem colaborador sequer! Eu, que não sou jornalista, mas tenho a desempenhar-me do compromisso que tomei de passar a inspecção aos diversos factos da semana, vejo-me seriamente atrapalhado, porque o frio é um inimigo terrível que nos impede de qualquer trabalho, tomando-nos d'assalto e *arrochando-nos* os nervos.

A neve cahe durante a noite com tanta intensidade que de manhã alguns sítios estão de todo cobertos d'ella. E os telhados? Esses são verdadeiros lençoes a cólar!

Como pôde, pois, um mortal, com um frio d'estes, escrever para um jornal? E' impossivel, e tanto que eu já adoptei um systema; para não lhes faltar com o meu relatorio, escrevo na cama, de manhã. Só d'esta forma, e mesmo assim sab? Deus! Se eu fizesse a vontade ao dedo minimo da mão direita, que é o que pousa sobre o papel, com certeza não escrevia.

Vamos, pois:

A conversa forçada da semana tem sido, como se pôde prevêr, sobre os impostos municipaes: era o que estava na ordem do dia, e não admira, porque elles pozeram a cidade n'um verdadeiro labyrintho.

O imposto sobre os carros foi o que deu mais causa ao *charivari*, já pelos enganos muito naturaes e desculpaveis dos empregados, por ser em principio e não

estarem ainda perfeitamente instruidos, e já porque o povo commenta sempre a seu bel-prazer uma medida nova, gritando sempre, com razão ou sem ella.

Carro parado e o *barreira* junto a elle, era o sufficiente para formar um ajuntamento e fazerem-se mil e uma invectivas.

— Isto é uma maroteira!

— Pois o homem ha-de pagar um pataco?

— Ah que se rebentasse uma revolução...

— Os culpados são os camaristas.

— Não senhor. Os culpados são os que pagam: não pague ninguém, que o imposto morre, e ora ali está!...

E assim n'este arrazoado iam perdendo o tempo e caçando o peito como succede ordinariamente a quem clama com razão.

Com os varejos dava-se o mesmo. Agora chegava o empregado do arrematante das bebidas, logo o dos vinhos, depois o do sal, e sempre o mesmo arrazoado, o mesmo alarido.

Felizmente, não houve morte nenhuma a lamentar, nem sequer os noticiaristas pilharam uma noticia de desordem motivada por estes colloquios e melhor foi assim.

— Os Reis Magos é que na verdade, estiveram este anno muito longe de nós, ou com medo ao frio ou com receio á febre dos impostos. Algumas cantarolas de gargantilhas acostumadas a cantar ao berço, e duas tocatas mais goitositas, mas pequenas, muito povo a passear, e nada mais!

Não me receio em dizer que este anno os Reis em Guimarães, fizeram *fiasco*, mesmo porque os que andaram no carro a visitar os seus *alliadados e subditos mais fieis*, não se deixaram vêr, apesar de ser uma excellente exhibição, que viria dar ao povo a animação que lhe faltava.

— Tem sido grande a affluencia a esta cidade de estudantes vindos das diversas localidades para seguir para Braga, a continuar os seus estudos. E' o resultado da terminação das férias.

Tambem na segunda ou terça-feira regressou o sr. dr. Campos Henriques, digno delegado do ministerio publico n'esta comarca, que como lhes disse tinha ido gozar no seio da familia o tempo de férias.

— *Laudate puri Dominum!*

Graças, meu Deus, que a camara já most'ou ter ouvido os nossos rogos!

Na quinta-feira, logo de manhã, foi medida a rua de S. Damaso para se calcular quantas *arrobas de cascalho* serão precisas para se compôr a mesma. Graças, graças meu Deus!

Tambem se procedeu esta semana a medições no pinhal do Bravo, para a estimação do caminho de ferro do Bougado, que alli se pretendo fazer.

RAUL.

ECCOS E FACTOS

Custa-nos a engulir... — Diz o director do theatro das Variedades, no programma distribuido, que a authori-

FOLHETIM

DEVANEIO...

AO MEU AMIGO C. R. FRAGA

Logo nos primeiros annos da vida, soffres-te dous golpes que feriram profundamente o teu coração de creança. Então vertes-te amargo pranto, porque a morte te arrebatava teus paes.

Serias desditoso, infeliz talvez para sempre, se Deus te não reservasse uma protectora desvelada, uma alma justa que te educou com todas as caricias d'uma mãe estremosa.

Refiro-me a tua tia, e tal foi sempre a affeição que te consagrou, que desde os primeiros annos em que ficas-te orphão te chamou filho!

E tu chamas-lhe mãe! E tens razão, amigo, porque ella o tem sido verdadeiramente para ti.

Se qualquer encommo te fêre, eil-a triste com a tua dôr! Se andas satisfeito e alegre, descobre-se-lhe pela vivesa do seu olhar, que participa do teu contentamento!

Milhares de vezes m'o tens dito, e quando fallas d'ella é sempre com profundo reconhecimento, com o entusiasmo proprio das almas nobres que são sempre como a tua, gratas ao bem que recebem.

E és feliz, porque tens uma familia que te estremece, e recentemente uma joven que te ama com toda a pureza do seu coração e com as ternuras do seu affecto.

Recordo-me perfeitamente de te ouvir dizer que não eras completamente feliz, porque sentias em ti uma falta que vias preenchida em quasi todos os rapazes da tua idade.

E dizias isto, porque foste desditoso nas tuas primeiras aventuras d'amor, porque protestaste amor ideal a uma alma que te não comprehendeu, pois que sendo ambiciosa, via em ti talvez um rapaz apaixonado, mas não endinheirado.

Tu desesperavas, maldizias a tua sorte; por causa d'ella andavas scismatico, quasi que louco.

As minhas palavras de conforto nada te suavizavam.

Porém, pouco a pouco te foste resignando e esqueceste-a. Ainda bem.

Lança-te então as tuas vistas para a «Bandeirinha» e para a do «Gato», e a mesma infelicidade! Se hoje te animavam com um sorriso, vial-as á manhã completamente indifferentes!

— Acabou, sou infeliz, não tenho jeito para namorar, paciencia!

E o teu desespero augmentava.

Então, para esqueceres as tuas amarguras, botaste-te á estravagancia, tornastes-te um pandego, e aproveitavas todas as occasiões de te divertires. A's noutes recitavas versos ás freiras de

Santa Clara, e mais d'uma declaração d'amor te vi fazer a algumas velhas. Lembrarei apenas uma: a romelada de S. Lasaro.

Mas ainda assim, não esqueceste completamente o amor.

Se tinhas 20 annos! Era quasi que impossivel abjurar o sentimento que mais impera na mocidade.

E proseguista.

Chegou o momento que desejavas.

Namorastes-te de uma joven elegante e formosa que te correspondia com olhares d'amor e te lançava sorrisos de candura.

E decorreu algum tempo em mutuas contemplações.

O coração batia-te pressuroso dentro do peito. A tua alma inebriava-se com as delicias do amor que sentias.

O mesmo effeito sentia a tua namorada.

As vossas almas comprehenderam-se e amaram-se logo em seguida.

Escreveste-lhe manifestando-lhe o teu amor. Ella respondeu immediatamente protestando que o sentia tambem por ti.

E assim continuam as tuas relações, fazendo eu votos para que sejam tão longas como a vida, porque me é agradável ouvir-te dizer: «Sou feliz».

Porto.

O teu amigo.
F. C. B.

dade administrativa tenta prohibir-lhe os espectaculos, por causa do *charicari* dos espectadores.

Custa-nos a engulir...

Pois, porque razão se hão-de prohibir os espectaculos?

Porventura tem havido desordens e estas tem sido frequentes, ou a authoridade já lá foi offendida?

Nada; isto é impossivel, ou pelo menos não é sério, e eis a razão porque pensamos assim. Em primeiro lugar não acreditamos, porque Lisboa tem um ou mais barracões identicos, o Porto tem dous, em outras cidades ha-os ou tem-os havido, e a authoridade d'essas terras ainda não julgou que elles fossem o foco de desordens que pozessem em perigo o Rei e a Carta. Em segundo lugar, porque ainda não vimos lá a authoridade representada por nenhum dos seus delegados, e não só a não vimos apaziguar a balburdia, como tambem a não vimos forçada a exercer as suas funcções, prendendo alguém.

E' o motivo de não acreditarmos, posto que ainda haja outra razão mais forte talvez, e é que a prohibição dos espectaculos era a demonstração solemne de que a authoridade se julgava impotente para sustentar a ordem, quando reunidos alguns centos de pessoas.

A authoridade, longe de prohibir os espectaculos tem um dever a cumprir. E' o de os mandar policia. O barracão das Carmelitas, no Porto, teve igual nascimento; a authoridade principiou por apresentar-se, passou a admoestar, e terminou por cumprir com o seu dever, e o barracão civilisou-se. Faça-se aqui o mesmo, e talvez que não venha a ser preciso prohibir os espectaculos, e mandar os artistas para a Falperra, até que appareçam para receber o ferrete do opprobrio com que os que lhe tiram hoje o pão os recompensarão depois em nome da *sociedade offendida*.

Telegramma. — Recebemos o seguinte:

A REDACÇÃO DO FORMIGUEIRO

Acaba de ser definitivamente fechado o *Club dos Aparacascas*. Parabens aos transeuntes da rua de S. Paio e frequentadores do jardim. Y.

A' ill.^{ma} camara—Já por vezes nos temos referido aqui á rua de Santa Rosa de Lima, tanto pelo seu estado de calcetamento ser detestavel, como pelo abuso que ali se consente. Apesar d'isso, apesar de ter chegado o dinheiro para se proceder ao aformoseamento da rua de Villa-Verde, apesar ainda d'esta rua já estar n'esse vergonhoso estado antes de se fazerem os melhoramentos da viella dos Quatro-olhos, das ruas de Val-de-Donas, da Costa, de S. Francisco, e até das Lages, ainda não fomos ouvidos!

E' querer confirmar o dito irónico do povo, de que para se fazerem obras n'uma rua qualquer, é preciso eleger para camarista um individuo residente n'ella. Pois a não ser assim, não se deveriam ter feito as obras n'esta rua e na de S. Damaso, em ambas as quaes a lama sobe á altura de mais de palmo, primeiro que na de Villa-Verde,

aonde o transitio não é tão grande, nem mesmo se póde comparar?

A rua de Santa Rosa de Lima apresenta o mais perfeito aspectod'um d'esses beccos quasi intransitaveis, e comtudo a rua não é das menos importantes. Além d'isso, como que para cohibir o quadro, consente-se que alli estacionem os carros de não sabemos que alquilador, para que um transeunte, estranho á terra possa dizer, racciocinando:—Esta rua cahiu no desagrado da camara, que a despresou. Os alquiladores, porém, que não são tolos de todo, deitaram-lhe as garras e fazem agora d'ella a sua cocheira!

E' ou não isto? Senão é, digam-no, porque então queriamos perguntar porque razão a rua de Santa Rosa de Lima é menos considerada do que o largo da Cadeia, d'onde se retiraram os carros. Seria talvez por lá morar o snr. presidente da camara, e então, curvemos a cerviz e dêmos razão ao dictado do povo...

Deixamo-nos, porém, de compadrios, senhores. Urge quebrar esses laços, de que tem dimanado o nosso atrazo, e tratar os assumptos inherentes com a capacidade que lhes é proverbial e a independencia que os caracteriza. Fallamos sério... porque nos não podemos rir...

Farturinha! — Ha agora, ao que parece, tres philarmônicas em Guimarães. E' farturinha! Ha mais musicas do que pescadas na praça!

Uma d'ellas é *maneta*, outra, porém, é coixa, não só porque o director quiz ha tempos experimentar n'uma perna o pezo da roda d'un carro funebre, mas tambem porque lhe falta o *clarinete* e o *bombo*!

Aviso a quem tenha boa invocadura. ..

Bailes.—Participam-nos que hoje da 1 ás 3 horas da tarde ha baile no salão do snr. Lamego, e á noite das 7 ás 10.

A'manhã, tambem ha á noite á mesma hora.

Vá, vá; é aproveitar que o tempo dos caretas está comnosco.

Folhetim.—Temos em nosso poder um folhetim do snr. Felix d'Oliveira, maviioso poeta portuense, o qual não publicamos n'este numero, por já termos preenchida a secção respectiva quando o recebemos. Sahirá no proximo numero.

Theatros.—No domingo ultimo tivemos no theatro de D. Afonso Henriques o reaparecimento da companhia dos actores Silvas, que ha pouco ali tinha estado com o celebre Ling-Look.

Foi á scena o drama—*A Filha do Saltimbanco*.

O desempenho foi menos que regular, se exceptuarmos uma ou outra scena e nem outra cousa esperavamos d'uma companhia tão fraca como é a dos actores Silvas, a quem é preciso um grande arrojio para se apresentarem assim a illudir o publico.

Estamos convencidos que a tal companhia não voltará mais a Guimarães, mas se o fizer, sempre lhe aconselhamos que traga algum outro *come-espadas*, que nos force a ir atural-a, pois que para vermos os seus trabalhos dramaticos, não precisamos lá ir: em qualquer barracão se vê coisa tão boa senão melhor.

—No theatro das Variedades tivemos já dois espectaculos: um no domingo e outro na quinta-feira, ambos de tarde.

Tanto um como outro foram extraordinariamente concorridos, e a regular pela satisfação do povo, os espectaculos agradaram.

Ha uma coisa a lamentar: é que os espectadores uma vez dentro do theatro, se não sustentem com a gravidade propria d'um povo que se diz civilisado. Porque o theatro seja um barracão não se segue que se devam fazer toda a qualidade de excessos, nem tão pouco por esse motivo os actores devem ser escarnecidos. No primeiro caso, já por isso, se está com plena liberdade, de chapéu na cabeça e se fuma, e no segundo, porque offendendo-se aquelles, offende-se a maior parte dos nossos primeiros actores, que são oriundos de barracões.

Haja liberdade, mas não de *pepino*.

Ha mesmo alguns rapazes que na geral berram, cantam e assobiam, e parece-nos que a authoridade podia e devia pôr cobro a essas scenas, como não póde deixar de ser. Se ella lá está só para vêr o spectaculo, então pouco ha que agradecer-lhe.

A orchestra, é composta de oito figuras da *noça philarmônica*, e diga-se á puridade, merece mais indulgencia do que a que o povo tem tido com ella, mesmo porque até na escolha das musicas se conhece andar *dedo de gigante*.

CHARADA

Mudar montes, seccar rios,
tirar agua d'um rochedo,
só commigo se consegue,
quer ao tarde, quer ao cedo.—1

Symboliso puridade,
e da França no brazão,
apesar de pequenina,
com certeza me acharão.—1

Muito, muito até morrer
assim eu quizera ser!

Silva Guimarães.

Decifração da do n.º anterior

SECRETA

CORRESPONDENCIAS

(DOS NOSSOS CORRESPONDENTES)

Coimbra, 3 de janeiro

Principio por dar alguns esclarecimentos occorridos com as successoras do anjo da meia noite.

Estas, julgando menos convenientes as piadas que sabiram na «Luz do Povo», tratam de descobrir quem é o correspondente do citado jornal, a fim de lhe darem tarefa. Coitadas!...

Talvez as vozes d'esse jornal lhes afastasse alguma freguezia! Quem sabe? Po-

dem continuar, que o não descobrem, apesar de muitas e muitas vezes fallarem com elle proprio.

Lembre-se o snr. Manoel C. e a sua Maria Izabel, que o valente José Mano já morreu, mas deixou cá algumas receitas que se lhe podem applicar, para curar as maguas da perda da sua freguezia.

O sineiro de Santa Cruz diz que tem por lá ainda alguns sobejos.

Agora deixemos o snr. Manoel C. e sua esposa com a busca, e vamos dar uma volta por o Bairro Novo, por Mont'Arroio.

Todos os domingos e dias santificados por o fim da tarde, costumam reunir-se em casa do snr. Luiz grande malta de rapazes e raparigas para gosarem o bocado da noute a dançarem ao som das cordas bem repenicadas do joven *Tocas*.

No dia 12 de dezembro, proximo passado, estavam na grande pandega, quando entrou para a dita sala a sympathica Maria dos Toucinhos e outra, da qual não sabemos o nome, mas oh! horror! quando entraram estas duas meninas, pararam as violas e fizeram-se diferentes grupos, a fallar em desabono das recém-chegadas, chegando as chufas a ponto dos partidarios das meninas jogarem o soco.

A galante tecedeira, como tivesse bom fio na lançadeira, teceu para que a dança passasse para casa d'ella, como succeder, mas expulsando o *Tocas* de tocar e substituindo-o por o *Fuinha*.

Pelas 8 horas da noite alguns vultos se aproximaram da Porta da elegante Tecedeira, fazendo espera ao *Fuinha*, mas como este viesse acompanhado por alguns do mesmo partido, afastaram-se e recolhiam-se a suas casas, sem provocação de parte a parte.

Melhor foi assim...

—Quem achasse a caixa do rapé do sineiro de Santa Cruz e a queira restituir, pôde fazel-o, entregando-a na rua da Moeda, em casa do Antonio Mendes, de quem receberá boas alviças, pois que o dito sineiro anda desesperado com o rapé em um bocado de chumbo, caixa pouco propria para a pessoa.

Mas no caso que lh'a não queiram dar, para se não descobrir quem a tem, então podem deixal-a em cima da caixa onde está presa a corda de tocar a fogo na dita freguezia.

E adeus até á semana, que já as tenho fresquinhas para então.

Gaipeiro.

Pedimos ao sr. Francisco Gomes da Silva, solicitador em Braga, e morador na rua da Agua n.º 82, mande satisfazer a esta redacção a importancia da

sua assignatura d'este jornal.

ANNUNCIOS

Jornal de Agricultura

SCIENCIAS CORRELATIVAS

Publicação quinzenal, destinada aos lavradores portuguezes

Publicou-se o 3.º numero, correspondente á primeira quinzena de janeiro.

Assigna-se no Porto, no escriptorio da redacção e administração, Cmpo dos Martyres da Patria, 132. Por anno (paga adiantada) 2\$400; semestre 1\$200 rs.

CALÇADO

Ha completo sortimento para vender por preços em relação á sua qualidade no estabelecimento de Bernardo José da Silva, á rua de S. Damaso.

ATENÇÃO

Aluga-se muito em conta uma casa nova em Gandarela, em frente ao tanque, propria para um grande negocio de atacado ou a varejo. Tem grande armazem, salas, quartos, boa cosinha e forno, terra para horta, etc. E' toda forrada, pintada e envidraçada.

Para tratar, com o snr. Antonio Teixeira da Cunha, na Breia,

freguezia de Mallares, concelho de Celorico de Basto.

Unguento santo

Este unguento, assim intitulado, torna-se recommendavel pela sua efficacia na cura de qualquer molestia, além da sua barateza e da vantagem de não precisar resguardo de bocca.

Cura a inflamação dos olhos, para o que tem sido quasi milagroso; tira as cataratas e reforça a vista; cura radicalmente as feridas chronicas, o humer frio, as empigens, feridas provenientes do venerio, esquentações e faz nascer e fortifica o cabelo.

Vende-se na rua de S. Paio, largo do Anjo n.º 48 e 50 e na rua da Rainha n.º 102, em Guimarães.

Preço—Uma onça 100 reis. Em caixa propria 140 reis.

Ensina-se gratis a maneira de o applicar.

BICHAS DE SANGRAR

BENTO D'Oliveira Machado, barbeiro na rua da Rainha n.º 107 e 109, annuncia ao publico que acaba de receber um grande sortimento de bichas francezas de 1.ª qualidade, para sangrar, as quaes manda deitar tanto a homem como a mulher, com a maior brevidade, por pessoas habilitadas.

Tambem vende ou aluga qualquer porção que o freguez queira.

TYPOGRAPHIA SOCIAL

S. DAMASO

N'esta typographia, recentemente montada com os mais escolhidos caracteres typographicos, toma-se conta de todas as obras concernentes á arte, taes como:

Romances, jornaes, facturas, contas correntes, mappas, bilhetes de estabelecimento, rotulos, circulares, arrendamentos de sephorio para caseiro e vice-versa, ordens de pagamento, editaes, chancellas, etc., etc.

Garante-se a perfeição e promptidão do trabalho e modicidade dos preços.